

HISTÓRIAS PINTADAS POR TRÁS DOS QUADROS

Um passeio pela exposição "Arte na França 1860-1960: O Realismo", em cartaz no MARGS, na Capital do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 26 de julho de 2009.

David Coimbra, Jornal Zero Hora

Essa mesma figura retratada por **Van Gogh** que milhares de porto-alegrenses ora contemplam no MARGS, na Praça da Alfândega, exatamente a mesma figura de olhar algo enfiado e queixo apoiado no punho que o genial pintor holandês intitulou de **A Arlesiana** (abaixo), precisamente a mesma figura foi também contemplada por Henri Matisse, há 110 anos. Na época, Matisse tinha 30 anos de idade, mas ainda vivia da mesada do pai. Queria se transformar em pintor bem-sucedido e procurava um mestre que lhe servisse de modelo. Uma tarde, entrou na galeria *Ambroise Vollard*, em Paris, e deparou com a **Arlesiana**. Apaixonou-se. Perguntou quanto custava o quadro. *Vollard* respondeu que eram 500 francos. Matisse pediu que o marchand lhe reservasse a pintura, saiu para arregimentar recursos paternos e voltou dois dias depois com o dinheiro contado. O dono da galeria, porém, havia aumentado o preço para 900 francos. Decepcionado, *Matisse* vagou pela galeria à procura de outras obras. Encontrou *Três Banhistas*, de Cézanne, e trocou de amor. Resolveu que seria Cézanne, e não Van Gogh, quem iria lhe servir de guia.



A Arlesiana iria aumentar bastante de preço no futuro. Três anos atrás, em 2006, uma Arlesiana foi leiloada na Casa Christie's, de Nova York, por US\$ 40 milhões.

A modelo desta série de quadros era dona de um café freqüentado por Van Gogh e seu amigo Paul Gauguin, quando eles moravam juntos em Arles, no sul da França, antes de Van Gogh se irritar com Gauguin e tentar esfaqueá-lo, antes de Van Gogh decepar a própria orelha e, obviamente antes de Van Gogh se suicidar com um tiro. Um dia, Gauguin rabiscou o desenho da madame parada junto ao balcão, esperando os fregueses, levemente aborrecida. Van Gogh gostou e usou o desenho para várias de suas pinturas até morrer, meses depois.

A Arlesiana que está à disposição dos porto-alegrenses pertence ao acervo do Museu de Artes de São Paulo, o MASP. Assim como um quadro que **Matisse** pintou 20 anos após ter trocado Van Gogh por Cézanne. É o **Torso de Gesso** (ao lado), igualmente à mercê dos olhares dos gaúchos, que corresponde a uma fase mais avançada de Matisse. Ele já havia encontrado seu rumo e já dispunha de segurança sobre o que fazia. Nesse tempo, durante uma exposição, uma senhora comentou acerca de um quadro seu:



– Nunca vi uma mulher de barriga verde...

Matisse rebateu:

– Minha senhora, isso não é uma mulher, é uma pintura.



O ídolo de Matisse, **Paul Cézanne**, é outro que se encontra à mão de qualquer incauto que estiver trocando pernas pelo Centro e resolver cruzar por debaixo dos jacarandás da praça, até o outro lado do Largo dos Medeiros. Lá está, pendurado em uma das paredes do museu, **Madame Cézanne em Vermelho** (ao lado). Volta e meia Cézanne fazia de modelos a própria mulher, Hortense Fiquet, e o filho Paul. Eles se quedavam horas posando, estáticos, e quando enfim se mexiam Cézanne se irritava:

– Por que você se mexe? Uma maçã, por acaso, se mexe???

Quem galgar as escadarias do museu da Praça da Alfândega e se dispuser a examinar bem o quadro de Cézanne lá exposto conseguirá divisar, no olhar oblíquo conformado que ela deve ter sentido ao posar para o exigente e genial marido.

Nenhum dos personagens dessa história acha-se a salvo do crivo do gaúcho amante (ou não) das artes plásticas. **Paul Gauguin**, o amigo de Van Gogh, também passa uma temporada às margens do Guaíba, representado pelo quadro **Pobre Pescador** (ao lado). Esse quadro Gauguin pintou com conhecimento de causa. Ele viveu entre os pescadores do Taiti, que chamava de "a terra deliciosa, a terra perfumada", e os da Bretanha, que o apelidaram de "O Selvagem". Uma adequada definição desse homem que atravessou a existência inquieto, em busca da forma mais autêntica de se expressar, sem jamais aceitar a resignação do conforto, tanto que, aos 35 anos de idade, casado, com cinco filhos e um bom emprego, decidiu largar tudo para se dedicar à arte. Não foi uma opção fácil, como ele mesmo relatou mais tarde:



– Conheci a miséria extrema, o que significa passar fome e tudo que se lhe segue. Isso não é nada, ou quase nada. A gente se acostuma e, tendo boa vontade, pode até rir disso. (...) Com muito orgulho, acabei por conseguir bastante energia. Eu quis querer.

Gauguin quis querer. Isso diz tudo. Todos esses gênios da pintura que se apresentam ao porto-alegrense comum, hoje, no MARGS, quiseram querer. Transformaram-se em artistas por necessidade, sim, mas principalmente por opção. Sacrificaram-se por isso. Sofreram por isso. E agora estão aqui. Ao alcance da mão. Ou, pelo menos, do mais curto olhar.